

A PRODUÇÃO DO TEXTO DE OPINIÃO NO CONTEXTO ESCOLAR

Sandra Salviato TERRA
UNISEB Interativo COC – polo
prof.sandraterra@gmail.com

Resumo: O presente trabalho realiza uma análise comparativa de textos escolares na modalidade dissertativa, produzidos por alunos do Ensino Médio. Os textos que compõem o corpus de análise permitem a percepção de diversos processos geradores de sentido, bem como os elementos de progressão textual que qualificam um texto como bem sucedido (elementos de coesão, coerência, recursos de estilo, proposições, induções, deduções, citações, entre outros recursos de escrita). Nesse processo de escrita em que o sentido passa a ser gerado mediante o encadeamento de ideias, observam-se os elementos que permitem ao emissor efetuar a criação de um texto opinativo que, estruturalmente, diferencie-se do processo comum de paráfrase dos textos de apoio ou de base, frequentes nas propostas de elaboração textual de âmbito escolar. Também são analisadas as relações de inferência e referência que se processam no ato de escrita. Observa-se, porém, que o processo reflexivo-opinativo que se espera do produtor textual nessa etapa escolar é tendencioso à paráfrase dos textos de apoio e pode ser, frequentemente, desvinculado do processo de reflexão autônoma, necessário para o fortalecimento de uma mente criativa e de construção de um indivíduo que possa ser atuante na sociedade por meio da modalidade de comunicação escrita.

Palavras-chave: produção textual, autonomia, paráfrase.

Não é novidade para nenhum meio acadêmico e, muito menos, para os educadores que trabalham diretamente com a prática da linguagem em sua modalidade escrita, que a produção textual realizada pelos alunos nas séries finais do Ensino Médio ainda deixa muito a desejar. Na tentativa de pontuar os maiores problemas presentes nas produções textuais percebe-se, de uma maneira geral, um desconforto por parte dos professores pelo modo como os jovens expressam suas opiniões.

Apesar da perspectiva comum para a maioria dos estudantes (em relação à progressão de seus estudos) ser a aprovação em vestibulares e, portanto, ser esse um dos principais focos de motivação e pressão para a execução de um texto reconhecidamente bem escrito, é possível afirmar que a necessidade de expressão escrita é muito mais abrangente no meio social e cultural, hoje, vivenciado. A expressão escrita sempre foi imprescindível, no entanto, o modo de vida contemporâneo, marcado pelas mídias e hipertextos, submete o sujeito à necessidade de se posicionar cada vez mais de uma maneira clara, convincente e diferenciada para que sua presença possa ser reconhecida em meio à profusão de vozes que se levantam e opinam nos diversos setores da sociedade.

Observando-se a leitura múltipla que os meios de comunicação estimulam observa-se que se trata, na maioria das vezes, de leituras e manifestação de opiniões horizontais e homogêneas. Os hipertextos produzidos completam-se em sentido e parecem solicitar um leitor ágil e uma espécie de “escritor-verbete”, que tenha algo a expressar, mas que é cerceado pela noção cada vez mais presente da pressa e da fluidez. Portanto, opinar por meio da escrita não é mais uma questão de escolha, mas um imperativo no mundo atual e, se o mundo atual precisa de escritores competentes e, necessariamente rápidos e fluidos, como conciliar tais

necessidades ao processo de construção de um texto opinativo e que não pode fugir do ato de reflexão?

É evidente que, apesar da existência de uma pressão social para a aceleração de todos os processos de interação na sociedade e inclui-se, aqui, até mesmo os processos educacionais, marcados, em sua maioria, pela prática da aula que se reproduz como resumo de informações, é extremamente necessário o processo inicial de desaceleração. Essa desaceleração inicia-se no processo de leitura e interpretação, no processo de construção de um saber ou evocação de inferências. No caso da produção textual escolar, o processo de desaceleração tem seu início com a leitura dos textos de apoio, hoje, mais comumente chamados de textos motivadores, justamente para não conotarem a ideia de que o aluno precise de muletas para a construção de sua opinião, mas sim, de um ponto de partida para a expressão dessa opinião.

Esse processo de desaceleração que se constitui, em sua maioria, em um grande esforço para as gerações atuais é o primeiro fator para a formação de um escritor competente, uma vez que, para ser um escritor competente é preciso, inicialmente, ser um leitor também competente. Portanto, o texto de opinião a ser construído pelo aluno estrutura-se como um texto denotativo que apresente, de maneira evidenciada, um valor referencial, um fundamento, propósito. Esse fundamento deve caracterizar-se por um sentido estável, claramente demarcado pelo autor.

Evidentemente, o processo de escrita também fundamenta-se na capacidade de o aluno articular o conhecimento linguístico necessário para a efetivação da escrita. Os mecanismos sintáticos da língua, os processos de progressão textual e as noções de coerência e coesão, sem as quais uma ideia não pode ser elaborada como texto. Outro fator a ser considerado é a compreensão da modalidade textual a ser escrita, ou seja, o produtor do texto precisa reconhecer os elementos relevantes para a situação discursiva que ele efetivará. O reconhecimento da tipologia textual é, certamente, um fator interessante ao processo de desaceleração necessário para a reflexão. É nesse ponto que o aluno precisa refletir não só no que irá escrever, mas no como irá escrever. Logo, o que está em questão é a escolha dos mecanismos de produção textual, a observação de a quem será destinado o texto, em que modalidade expressiva da língua será elaborado; na escolha do que deve ou não deve ser expresso no contexto discursivo. É, portanto, possível articular que o processo de escrita fundamenta-se em um leitor competente, na capacidade de articulação dos mecanismos linguísticos subjacentes à escrita e na adequação da modalidade ou proposta textual.

Em muitos ocasiões de produção de textos de opinião na esfera escolar, é possível reconhecer que o aluno encontra dificuldades para execução de um texto pela deficiência em algum dos mecanismos citados. Em algumas situações, a capacidade articulatória dos mecanismos linguísticos é boa, assim como a percepção da modalidade textual, porém, o aluno esbarra na dificuldade em processar uma efetiva opinião autônoma, centrando-se na leitura parafrástica do texto motivador, que pode ser, na verdade, nesse caso, um texto de apoio.

De acordo com Orlandi (1999, p.57) o discurso apresenta relações com uma exterioridade, com as suas condições de produção e também é marcado pelo implícito, ou seja, por incompletudes do texto. Essas incompletudes permitem a intertextualidade que pode apontar para um texto previamente existente ou para textos futuros. Orlandi ressalta a existência de leituras parafrásticas, em que se observa a reprodução de modelos e no qual se percebe um baixo grau de inferência. A autora também conceitua as leituras polissêmicas em que se percebem múltiplos sentidos e um maior grau de inferências. Dependendo da modalidade textual ou do tipo textual a ser elaborado, a escrita tenderá a ser mais menos pautada nas inferências, portanto tenderá a ser mais parafrástica ou tenderá a ser polissêmica. Por exemplo, um resumo tende a ser mais parafrástico, enquanto o propósito do texto de

opinião é ser mais polissêmico, uma vez que deve despertar a capacidade reflexiva do produtor.

Pode-se concluir que o professor, ao elaborar propostas para a execução de textos opinativos deve considerar o uso de textos motivadores que instiguem o processo de reflexão e não o de reprodução ou paráfrase. O aluno tende à paráfrase por esta ser mais cômoda no ponto de vista do ato reflexivo, uma vez que a ideia ou dado apresentado já está formado na perspectiva discursiva, portanto, ele automatiza a apropriação de uma ideia já construída. A desautomatização, nesse caso, pode processar-se na medida em que o texto motivador passe a ser ele próprio um desafio interpretativo, em que seja necessário ao aluno, decodificá-lo e associá-lo a outros dados, inclusive e necessariamente, dados de seu repertório pessoal, para atualizá-los como um real texto de opinião.

Seguem alguns trechos de produção textual realizados por alunos da terceira série do Ensino Médio. Os trechos podem ilustrar a forma como os alunos lidam com modalidades diferentes de leitura e interpretação e, a partir daí, constroem produções escritas mais autônomas ou apenas parafrásticas. Os alunos foram submetidos a uma proposta de redação em que deveriam posicionar-se em uma espécie de máscara discursiva. Precisavam articular o texto de maneira que este fosse construído do ponto de vista de um aluno que havia realizado um excelente trabalho acadêmico baseado na tese de que o desenvolvimento econômico do Brasil não está efetivamente ligado ao desenvolvimento social do país. Foram apresentados aos alunos três gráficos em que se registravam, respectivamente, a evolução das taxas de homicídios no Brasil, a pontuação média do país nos exames de matemática do Pisa (posição extremamente baixa) e as relações entre investimentos em saneamento básico e as necessidades reais do país nesse setor. Foi solicitado aos alunos que, após interpretar os gráficos, construíssem um texto de opinião, em que a interpretação dos dados dos gráficos fosse utilizada como argumento para a tese de que o desenvolvimento econômico não está associado ao desenvolvimento social.

Texto 1

Brasil, sexto maior PIB do mundo, país de baixo risco para investimentos, participante dos Brics, tão americano de um lado, porém tão soviético de outro, obsoleto, preso ao processo histórico de colônia tropical caracterizado pelo modelo de concentração, corrupção e servidão.

Planejamentos equivocados como o plano de metas que industrializou o país, porém acarretou dívidas externas, êxodo rural, superlotação das cidades e, por consequência, formação de tantas favelas em encostas de morros.

O IDH do Brasil mostra que este cresce com esteróides externos”, porém essa “força” não é real para todos. Tantos investimentos do PAC, como a construção da usina Belo Monte, o aumento da infraestrutura do país e, ainda, há um grande número de pessoas que não possuem acesso às suas necessidades, como saneamento básico, por exemplo. (...)

Texto 2

O Brasil ocupa uma posição vantajosa no ranking dos países mais ricos do mundo. Porém, o que acaba determinando o subdesenvolvimento do Brasil é a concentração de renda; no mesmo tempo que temos o Copacabana Palace, que é um hotel de luxo, temos a nada mais que cinco quadras dali, a favela da Rocinha, uma das maiores do mundo.

Essa concentração econômica faz com que nem todos tenham acesso a uma educação de qualidade, o que explica parcialmente a baixa posição do Brasil no ranking da pontuação média e Matemática. Mas isso não é só culpa dessa centralização como já foi citado antes, a culpa é também do governo que deveria investir mais na educação pública.

Texto 3

Ao referir-se a um país com alto índice de desenvolvimento econômico espera-se que este desenvolvimento esteja diretamente ligado ao desenvolvimento social, à grandeza de seus recursos naturais e às altas taxas de desenvolvimento tecnológico. De fato, um país desenvolvido apresenta várias dessas características, porém não são elas que determinam seu alto grau de desenvolvimento.

O Brasil é um exemplo de como sua riqueza não está atrelada ao seu desenvolvimento. Mesmo com sua enorme riqueza de recursos naturais é classificado como um país subdesenvolvido. Apresenta altas taxas de homicídios e analfabetismo, além de baixos investimentos nas áreas de educação e saneamento básico.

Texto 4

Atualmente o Brasil vem crescendo, apresentando grande desenvolvimento no país, sendo eles utilizados apenas por algumas sociedades.

Os gráficos provam que os recursos do país são distribuídos de maneira desigual, como exemplo os investimentos de saneamento básico, que mesmo crescendo ainda estão em falta. Podemos citar também outro problema, como as taxas de homicídios, que vem evoluindo cada vez mais, muitas vezes causado por assaltos, por a pessoa sentir a necessidade de algo (...)

A leitura dos excertos permite facilmente reconhecer que os autores dos textos 1, 2 e 3 realizam o processo interpretativo dos dados apresentados nos gráficos que constituem o material de motivação. Baseados na interpretação dos gráficos e nas inferências pessoais constroem textos em que se pode confirmar a perspectiva de uma autoria textual e, conseqüentemente, a formulação de uma opinião. Essa opinião é construída por meio da exemplificação, corroboração por meio de dados ou indução de argumentação. Os textos apresentam, também, bom domínio dos processos sintáticos de construção da escrita e formatam-se na tipologia textual exigida.

O texto 1 apresenta o excerto de uma redação escolar que propõe uma reflexão entre os dados apresentados e a constituição histórica do desenvolvimento do Brasil. Apesar de algumas inconveniências no plano semântico e sintático, o autor procura estabelecer, por meio de suas inferências pessoais justificativas para a interpretação que fez dos dados dos gráficos. Pode-se afirmar que o aluno apresenta um bom grau interpretativo e reflexivo e que possibilita a percepção da construção de um texto, de fato, opinativo.

No texto 2, o autor faz menção de um exemplo prático para corroborar a tese da disparidade brasileira proposta para a redação. É interessante ressaltar que a percepção da desigualdade logo é associada a um exemplo concreto e à informação interpretada no gráfico referente à educação; o autor posiciona-se na tese de que a educação deficitária é fruto da desigualdade social e da má gerência de recursos. Tal pensamento, construído por inferências

possibilita, na sequência textual do aluno, ligações com os demais gráficos apresentados. O texto 3, por sua vez, alonga-se na apresentação da tese da disparidade, mas reconhece com propriedade a modalidade textual apresentando com clareza (mesmo que com deslizes gramaticais) uma proposta de reflexão, bem como, pontua as percepções apreendidas nos gráficos, informações que, posteriormente, serão debatidas na redação.

Os três textos apresentam bons índices de autonomia e reflexão. Em oposição, observa-se, no texto 4, já de início, deficiências de articulação sintática que prejudicam a organização e coesão textual. A interpretação equivocada e superficial dos dados presentes nos gráficos também leva o autor à tentativa de parafrasear os elementos mais destacados na representação gráfica e, ao invés de elaborar conclusões, o autor limita-se a apresentar uma possível leitura literal e não associativa das informações.

Os excertos demonstram que a presença de textos motivadores nas propostas de produção textual é um fator importante para a construção da leitura e reflexão que precedem a produção discursiva escrita. Os textos motivadores, no entanto, podem influenciar negativamente a produção de um texto mais autônomo, na medida em que facilitam a paráfrase quando apresentam dados ou comentários que já constituem por si só uma reflexão construída. O aluno, em hipótese alguma, deve ser privado de textos que o auxiliam nas atividades interpretativas e na construção de um encadeamento de ideias que podem, muitas vezes, ser oriundas de reflexões de pensadores e formadores de opinião pública. Porém, é necessário incentivar a prática mais profunda da leitura e interpretação, por meio, principalmente, de práticas de leitura e que fomentem a capacidade do aluno de interação com texto ou textos motivadores. Isso pode ser feito, primeiramente, por meio de textos que, de fato, motivem a reflexão e possibilitem a inferência de conhecimentos já apreendidos; as diferentes possibilidades de escrita de textos de opinião também auxiliam na melhora da produção de bons textos, porque o mecanismo de adequação à tipologia textual também favorece a capacidade reflexiva do aluno, uma vez que ele precisa realizar a escolha de como escrever, de como expor sua reflexão e assim construir saber e aprender a fazer uso desse saber em sua prática cotidiana.

Referências bibliográficas

- BAUMAN, Zigmunt. *Modernidade líquida*. Trad. Plínio Dentzen. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- GERALDI, João Wanderley (org). *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática, 1997.
- ORLANDI, E. P. A produção da leitura e suas condições. In: BARZOTTO, V. H. (org). *Estado de leitura*. Campinas: Mercado das Letras, 1999.